

ETAPA III

Quem é que nunca tomou caminhos viciosos? Somos massacrados com sensação de que não é por ali. Mesmo assim, vamos. Alberto não parava, circundava o parque municipal pelo lado de fora, sempre com o muro do lado esquerdo, chegava a tocar-lhe com os dedos para sentir a rugosidade da pedra – era mesmo real. Passou pelos mesmos portões vezes sem conta, completamente cego pela sua missão. O muro ditava-lhe o caminho, poupava-lhe todas as escolhas. De qualquer forma, Alberto acelerava o passo quando as dúvidas se aproximavam, cerrava os dentes e mantinha o passo. O estômago pedia-lhe que parasse, sem sucesso. Andou às voltas durante horas, talvez umas cinco ou seis. Anoi-teceu. Foi o frio que pôs fim àquele disparate. Exausto, dirigiu-se para casa, tomando o caminho de sempre - aquele que o pai lhe ensinara. Afinal de contas, a rebeldia tinha um prazo e um custo. Podia custar-lhe o jantar.

A porta de entrada estava encostada, como sempre. Entrou. Em cima da mesa da sala estava uma sopa fria, um pedaço de pão, uma taça de arroz de grelos.

- Foi a minha mãe que fez. – disse para si. Queria sorrir mas os músculos faciais não obedeceram.

Sentou-se e comeu às escuras. Atrás do silêncio, era possível identificar os sons de uma partida de futebol, ainda que abafados – vinham do quarto do pai. De seguida, foi para o quarto, abriu a terceira gaveta da mesinha de cabeceira e tirou uma caixa de fósforos. Sentou-se na cama, virado para a janela, acendeu o primeiro fósforo e ficou a observar a chama. Acendeu o segundo fósforo e fez exatamente o mesmo. Seguiu-se um terceiro fósforo, um quarto, um quinto, um sexto, a caixa toda. Pegou nos restos carbonizados dos fósforos e colocou-os novamente na caixa. Na manhã seguinte, tinha de os enterrar algures.

- O pai não pode saber. – sussurrou.

Deitou-se na cama vestido. Adormeceu.

Foi a janela do quarto, assim escancarada, que serviu de despertador. Eram seis horas da manhã. Alberto levantou-se logo. Olhou para a manga do casaco rasgada, tentou juntar os bordos, quase como se esperasse que se unissem por milagre.

- A mãe vai comprar-me um casaco novo.

- Pois vai. – respondeu-lhe o jacarandá do outro lado da janela.

Alberto não ouviu bem, abriu a janela e inclinou-se para árvore.

- Podes repetir?

- Estava a concordar contigo. Disseste que a tua mãe te ia comprar um casaco novo, não foi? Ela saiu de casa com essa intenção. Era um casaco, uma blusa branca e umas calças. Ia cheia de vontade.

- Mas entretanto não voltou. Por acaso sabes por onde foi?

- Claro que sei, as árvores sabem tudo. Não se limitam a estar aqui plantadas. As pessoas pensam nas árvores como seres vivos estáticos e ignorantes. Isso é uma grande parvoíce.

- Eu não acho isso.

- Então o que achas?

- Acho que és uma árvore muito interessante. Muito culta e inteligente. Sabes tudo e, por isso, vais dizer-me por onde foi a minha mãe.

- Interesseiro! – acusou a árvore, com um tom ofendido. Alberto sorriu. – Por favor, diz-me. Já que decidiste falar... Diz-me.

- Só se me mostrares mais chamuscas daquelas. – tentou negociar o jacarandá.

- Combinámos uma caixa por dia. É muito difícil conseguir arranjar tantas caixas, tu sabes. O pai anda sempre a ralhar comigo por causa disso. Faço-o para que me digas coisas e... No final nunca dizes nada daquilo que quero ouvir. – acusou Alberto.

- A tua mãe saiu e virou à esquerda. Foi em direção à rua das lojas. Foi por causa do espetáculo, precisavas de umas roupas melhores. Não te lembras do que ela fazia? Não te lembras dela a estudar? – Alberto abanou a cabeça, o jacarandá cedeu a uma rajada de vento e calou-se.

- Não me lembro dela a estudar mas lembro-me das músicas que tocava. Oiço-as todas as noites, trago-as nos ossos.

A árvore não respondeu mais. O cheiro a café tinha um efeito inibidor. Mesmo assim, Alberto considerava-o melhor cheiro do mundo.

- Não. O melhor cheiro era o do perfume da mãe! – corrigiu-se.

- Tu nem sabes que cheiro era esse... A tua mãe nem usava perfume. – disse o jacarandá, gozando.

- Pssst! Não sabes nada sobre ela. – defendeu-se Alberto.

- Ai não?!

- Sabes sim mas por hoje já chega. À noite mostro-te mais chamuscas e depois contas-me mais, mais e mais sobre ela. Por hoje já chega! – fechou a janela e foi para a sala.

O pai bebia o café na poltrona velha de veludo verde. Olhava para o nada e tinha a camisola cheia de migalhas – um homem abandonado. Deu um gole. Alberto decidiu desligar a telefonia e fez-se ouvir:

- Disseste para eu pedir à mãe que me comprasse um casaco novo. – começou.

- Disse. – respondeu-lhe o pai, sem interesse.

- Porquê?

- Porque foi o que me lembrei na altura.

- Achas isso possível?

- O quê?

- Eu perguntar isso à mãe?

- Acho. Senão não o tinha dito. – respondeu serenamente.

- Mas eu nunca a vejo.

- Não vês porque és louco. A mãe está cá.

- A sério que está? – perguntou Alberto muito crédulo.
- Sim. Agora vou trabalhar. Come qualquer coisa. A porteira está um pouco atrasada.
- Como é que eu tenho a certeza absoluta de que ela está cá? E como é que eu lhe peço que venha rápido com o meu casaco novo?
- Não tens... Nunca se tem a certeza de nada. Aceitas. Se te aparecer um casaco novo, acreditas que foi ela. E foi! A tua mãe era extraordinária... – o pai levantou-se, deu um beijo na testa do filho, e saiu.
- A minha mãe “É” extraordinária. – corrigiu Alberto, sozinho.
- Nem mais! – respondeu o jacarandá, espreitando através da janela da sala.

Lídia Reis